

HISTÓRIA E EXÍLIO EM *AZUL-CORVO* DE ADRIANA LISBOA E
O INVIERNO DE GUNTER DE
JUAN MANUEL MARCOS

DAIANE PEREIRA RODRÍGUEZ
UFPR



Embora distantes espacial e temporalmente, os romances *Azul-corvo* da brasileira Adriana Lisboa e *O inverno de Gunter* do paraguaio Juan Manuel Marcos possuem características comuns na maneira como ficcionalizam a ditadura de seus respectivos países, o que permite uma aproximação de ambas as obras. Além disso, como menciona Leyla Perrone-Moyses ao analisar o ensaio de Erza Pound, ‘a indiferenciação temporal, quando se trata de valor estético-literário é também uma indiferenciação espacial: a literatura nacional não deve gozar de nenhum privilégio, o escritor deve atingir um padrão universal que não dá atenção nem ao tempo nem ao país’ (p.32). O princípio de universalidade, sempre retomado na atribuição de valor a uma obra literária, e importante na constituição do cânone, como observa Compagnon. Não é o foco principal dessa pesquisa, mas nos serve de justificativa para a aproximação dessas duas obras que a princípio parecem tão distantes, no que diz respeito à tematização da ditadura através da perspectiva do exílio, para além das diferenças de tempo e espaço. Trata-se de duas experiências distintas de mobilidade e exílio que parecem repercutir na maneira como a obra literária é construída por cada

autor. Juan Manuel Marcos foi torturado e exilado durante a ditadura de Stroessner, na década de 1970. Primeiro viveu um período de asilo político na embaixada do México no Paraguai e depois foi exilado para a Espanha. Na capital espanhola fez seu doutorado em Filosofia e em 1980 se mudou para os Estados Unidos, onde fez seu doutorado em Letras e pós-doutorado em filosofia política e administração universitária, começando a carreira de professor universitário, até a queda do ditador, em 1988, o que o motiva o autor a retornar a seu país quase que imediatamente. Essa experiência se vê refletida no romance *O inverno de Gunter*, publicado em Assunção em 1987, no qual as personagens transitam principalmente entre Paraguai, Espanha e Estados Unidos.

Adriana Lisboa nasce em 1970, quatro anos antes do asilo político de Juan Manuel Marcos, e tem uma trajetória bem diferente da do autor paraguaio. Enquanto Juan Manuel Marcos vivencia a ditadura em carne própria, Lisboa é o que Marilene Weinhardt (2015) chama de ‘herdeiros da memória’. Porém, sua trajetória de deslocamentos culturais e sua formação acadêmica se assemelham a de Marcos, já que vive a maior parte do tempo nos Estados Unidos, depois de períodos na França, e também tem doutorado em Letras, o que se vê igualmente refletido em sua produção literária. Esses deslocamentos dos autores configuram sua identidade fragmentada ou múltipla, o que Stuart Hall chamou de tradução, que consiste na:

formação de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais compostas por pessoas que foram dispersadas de sua terra natal. São obrigadas a negociar com a nova cultura sem ser assimiladas e sem perder sua identidade.

Não são nem nunca serão unificadas, no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem ao mesmo tempo a várias casas.

Essa tradução que em Adriana Lisboa e Juan Manuel Marcos são resultado de duas experiências distintas de deslocamento, uma motivada por razões políticas e outra por razões pessoais, nos faz pensar sobre a própria noção de exílio. É importante ressaltar que a experiência de deslocamento pode ser tanto positiva quanto negativa e possibilita a consideração do sujeito moderno como sujeito múltiplo, já não possuidor de uma identidade única, como analisa Hall. Assim, o que importa aqui é o exílio como possibilidade de criação e exercício de alteridade. Considerado como separação de uma pessoa de sua terra natal, o:

exílio (...) é uma fratura incalculável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar; sua tristeza essencial jamais pode ser superada (...). As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (...). Habituo-nos a considerar o período moderno em si como espiritualmente destituído e alienado, a era da ansiedade e ausência de vínculos (...). A moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados. (SAID, 2003, p. 46)

O moderno ocidental é o sujeito traduzido de Hall, que já não possui verdades absolutas, mas é um indivíduo híbrido e fragmentado, 'líquido' nos termos de Said. A transposição dessa experiência moderna para a ficção tem sido bastante produtiva tanto no Brasil quanto no Paraguai, países que tiveram uma quantidade significativa de escritores e intelectuais exilados. Isso porque,

El movimiento errático de dispersión al que la vida en su conjunto está destinada vuelve fuertemente problemática también en el ámbito artístico aquello que, de todos modos, para el arte, se configura como una exigencia irrenunciable: o bien su tender a la totalidad. Aspiración que, no por casualidad, a veces queda insatisfecha. Sometido al impulso de una realidad que prolifera expandiéndose en todas direcciones, el

diseño unitario de la obra se deshace; su organismo se descompone y se desmiembra, se disgrega en secuencias autónomas y aisladas (...). Del mismo modo que la vida, el arte va en busca de sí mismo por una tierra extranjera por un espacio errante. (FRANK, 2005, p. 56)

DESCOBRIMENTO DE SI E DO PASSADO ATRAVÉS DA ‘DITADURA DO ESPAÇO’

A ideia do que seja essa casa – uma cidade, um país – vai desbotando como uma imagem colorida exposta diariamente ao sol. Mas você não adquire logo outra imagem para pôr no lugar (LISBOA, 2010, p.70)

Em *Azul-corvo*, isso se vê refletido no deslocamento da protagonista, Evangelina, conhecida como Vanja, já anunciado na epígrafe do livro,¹ e repetido durante todo o romance, no qual são comuns palavras como ‘nãolugar’ (p.17), ‘imigrante’ (p.71), ‘híbrido’ (p.72), ‘trânsito’ (p.73), ‘líquido’ (p.94), ‘diáspora’ (p.96), entre outros sinônimos de deslocamento. Orfã de mãe aos treze anos, Evangelina decide ir aos Estados Unidos procurar o pai biológico e encontra em Fernando, o ex-marido da mãe, que a registrou como filha, a memória e o testemunho da ditadura.

É a partir dessa experiência que a personagem começa a amadurecer e a se descobrir como indivíduo no mundo, em sua relação com esse outro, novo e desconhecido:

Eu tinha treze anos. Ter treze anos é como estar no meio de lugar nenhum. O que se acentuava devido ao fato de eu estar no meio de lugar nenhum. Numa casa que não era minha, numa cidade que não era minha, num país que não era meu, com uma família de um homem só que não era, apesar das interseções e das intenções (todas elas muito boas), minha.

Os nós dos dedos ficavam esbranquiçados, querendo

rachar Era estranho. Eu parecia transformar progressivamente em outra coisa, como se estivesse passando por uma lenta mutação (LISBOA, 2010, pp.11-12)

Vanja problematiza a sua própria identidade ao pensar sua relação com seu país natal, Estados Unidos, e o país de sua infância vivida entre Rio de Janeiro e Barra do Jucu: ‘nasci portanto aos dois anos de idade na praia de Copacabana’ (p.29). Assim, o contato com essa nova realidade, estrangeira, a faz perceber sua própria origem híbrida, com a dupla nacionalidade da mãe, com a aprendizagem do inglês e do espanhol durante a infância e esse retorno a um país no qual nasceu, mas com o qual ela não se identifica: ‘O ano começou em julho. Não exatamente quando o oficial da imigração verificou o meu passaporte americano (que me identificava, mas com o qual eu não me identificava)’ (LISBOA, 2010, p.14). Nesse contexto, a cidade de Lakewood a princípio é só um lugar de passagem, com o qual ela não quer se relacionar:

Lakewood, Colorado. Um lugar estranho. Mas eu não me incomodava com sua estranheza, porque aquele subúrbio de Denver era, para mim, um utilitário. Algo de que eu me servia para atingir um fim. Uma ponte, um ritual, uma senha que você fala diante da porta e fica aguardando que abram, enquanto batuca com os pés na calçada, olhando ao redor só por olhar. Estar ali era estar meio em trânsito, e não tínhamos qualquer relevância para a vida um do outro: nem eu para Lakewood, nem Lakewood para mim. (p.18)

No contato com essa nova realidade ela conhece outros estrangeiros que vivem cada um a sua maneira a problemática da construção de sua identidade múltipla, ou ao menos é essa a principal característica que Vanja tende a destacar como narradora ao mencionar as personagens de seu entorno. Mari-lene Weinhardt destaca a presença de Carlos e sua família, como imigrantes ilegais que precisam de ‘papeles’ e que por isso sempre estão em uma posição fragilizada, menciona que a

presença desse personagem ‘acentua a variedade quanto à experiência do ser estrangeiro’ (WEINHARDT, 2015, p.247). Mas além do amigo Carlos, é importante destacar a presença da amiga indiana Aditi Ramagiri e a menção as amigas que ficaram no Brasil, cujas conversas com Vanja cumprem a função narrativa de elencar alguns estereótipos sobre a identidade nacional tanto do Brasil quanto dos Estados Unidos e da Índia:

Minhas ex-colegas de escola me mandavam e-mails do Rio de Janeiro, já esquecidas do luto imposto quando eu ainda transitava no meio delas. Como é a vida nos Estados Unidos? Os meninos são mesmo bonitos, louros e de olhos azuis? Você vai conhecer a Disney? Você vai conhecer Hollywood? É verdade que as crianças vão armadas para a escola e de vez em quando saem atirando em todo mundo? É verdade que as pessoas só comem hambúrguer e pizza e só bebem Coca-cola? É verdade que as americanas são peitudas?

Aditi Ramagiri me perguntava: Como é a vida no Brasil? É verdade que vocês moram no meio da selva? É verdade que é um lugar muito violento e perigoso, uma nação de políticos corruptos e traficantes de drogas? Que língua vocês falam, brasileiro?

Eu perguntava a Aditi Ramagiri: Como é a vida na Índia? É verdade que lá tem um rio onde as pessoas jogam os mortos e tomam banho e lavam roupas, tudo ao mesmo tempo? É verdade que é sua família que escolhe com quem você vai se casar? Que língua vocês falam, indiano? (LISBOA, 2010, p.74)

A identidade nacional é rompida nesses personagens, que se identificam com o país em que vivem e não com o país de origem. Aditi já nasceu fora da Índia e Carlos diz que gostaria de ir para El Salvador visitar os avós, mas que gostaria de morrer no Colorado, junto com Vanja. Fernando também é uma figura importante nesse processo de construção de identidade, é a partir de sua condição de indivíduo em trânsito que

vão se desdobrando fatos sobre a história do Brasil relacionados à guerrilha durante a ditadura. Fernando também é, assim como o espaço, um elemento estranho a ser descoberto e que acaba se revelando como alguém que circula entre países, ideologias, e também entre a história oficial e a história vivida:

A gente acaba de acostumando, disse Fernando.

Fernando entendia disso. De acabar se acostumando. No final de algum tempo eu já seria capaz de olhar para ele e ver o homem-que-se-acostumava.

Ele podia trabalhar na lavoura em São João do Araguaia, no Pará, podia sobreviver atrás do balcão de um pub londrino e sob a secura do ar em Lakewood, Colorado. Podia sobreviver a exércitos inteiros e amores pela metade. A mulheres que desapareciam. A mulheres para as quais ele precisava desaparecer. À travessia de fronteiras e ideologias. Podia inclusive sobreviver a mim e ao meu súbito ressurgimento, saída de uma caixinha-surpresa feito um daqueles palhaços com mola no pescoço. E podia dizer está bem, como tinha dito. Havia nisso seu quê de heroísmo. (LISBOA, 2010, p.19)

Assim, Vanja passa ser herdeira da memória de Fernando e é consciente da importância que isso tem para a reconstrução ou reelaboração da história oficial: ‘as coisas tem um rosto distinto quando vivemos o pós-elas. Quando nascemos tantos anos depois. Quando precisamos que nos informem, que nos expliquem, que nos digam que era óbvio o óbvio que pulou para dentro dos arquivos’ (LISBOA, 2010, p.44)

Com o passar do tempo Vanja vai se sentindo cada vez mais pertencente ao seu novo espaço e se adaptando a sua nova realidade, pouco a pouco, ‘um quarteirão a mais por dia. Alargando meu círculo de influência. Marcando meu território num território que não era meu, como um animal bem-intencionado equivocado marcaria usando seus fluidos corporais’ (LISBOA, 2010, p.21). Nessa nova condição, de pertenci-

mento, Vanja expressa através da ideia de “interseção” a tradução descrita por Stuart Hall:

Vontade de ser igual. De pertencer ao lugar. O que for.

Depois que você passa tempo demais longe de casa, vira uma interseção entre dois conjuntos, como naqueles desenhos que fazemos na escola. Pertence aos dois, mas não pertence exatamente a nenhum deles (...). Você é algo híbrido e impuro. E a interseção dos conjuntos não é um lugar, é apenas uma interseção, onde duas coisas inteiramente distintas dão a impressão de se encontrar. (LISBOA, 2010, p.72)

Essa tradução se completa quando Vanja experimenta por primeira vez o contato com a neve e se sente parte desse universo: ‘eu abri a boca na descida e engoli neve suficiente para promover uma espécie de autobatismo. Dali adiante eu era um deles. Era igual.’ (p.138) e culmina ao longo dos anos, o que se pode verificar nos fragmentos seguintes:

Dizem que a cada sete anos as células do seu corpo já foram todas trocadas, de modo que você continua sendo a mesma pessoa mas, a nível celular, passou a ser outra, se computar os dois extremos. A ideia soa estranha, porque as células não se modificam todas de uma vez, então não é que ao fim dos tais sete anos o corpo tenha se reciclado. Mas ao mesmo tempo é. (LISBOA, 2010, p.209)

Os invernos se tornaram os meus invernos e os verões, os meus verões. Por assim dizer. As estações intermediárias deixaram de ser luxo e viraram, no outono, o ancinho que eu pego para varrer as folhas da frente de casa e, na primavera, a flor que desponta, na frente de casa, onde eu podia jurar que nada teria sobrevivido às nevascas – e a flor desponta mesmo que eu não cuide do jardim (eu não cuido do jardim). Coisas minhas, cotidianas, costumeiras, como dormir ou limpar as orelhas (LISBOA, 2010, p.216)

Faz pouco mais de um ano que Carlos atravessou a rua e veio

morar nesta casa, porque ele havia prometido não sair do Colorado e não sair de perto de mim. Então, quando seus pais arrumaram a mudança e venderam os móveis e compraram as passagens aéreas só de ida para a Flórida, ele pegou suas coisas e as transferiu para cá. Ele é um garoto alto, de dezoito anos. Ainda não voltou a El Salvador. De vez em quando ele pede o carro emprestado e vai para as montanhas, como qualquer nativo, íntimo da terra, do clima e suas guinadas (LISBOA, 2010, p.217).

O descobrimento e entendimento do passado através da memória de Fernando e da reconciliação com suas origens através do reconhecimento de uma avó e um pai legítimos, e a própria adoção de Fernando como figura paterna no ato de herdar não só a história mas também o espaço (o trabalho na biblioteca e a casa) culminam a passagem de Vanja à idade adulta e ao entendimento de sua condição de indivíduo moderno, diaspórico, que já aprendeu a lidar com sua identidade e superou a etapa de crise.

EXÍLIOS E FRAGMENTOS QUE REVELAM A HISTÓRIA E A MEMÓRIA COLETIVA

Não escolheu nem esse inverno nem nada: nem a casa, nem essa cidade, nem o vento (MARCOS, p.40)

Em o *Inverno de Gunter*, por outro lado, a personagem que dá nome ao romance, Francisco Gunter, embora não possa ser considerado o protagonista, vive uma situação parecida a de Evangelina de Adriana Lisboa. Paraguaio filho de alemães, Gunter se mudou muito jovem aos Estados Unidos e fez toda sua vida profissional nesse país, chegando a ser presidente do Banco Mundial. Ele é totalmente alheio e alienado em relação ao seu país de origem, mas, ao saber da prisão de sua sobrinha Soledad Sanabria pelo regime ditatorial, se vê obrigado a ir ao país natal tentar intervir pela família e tem nesse desloca-

mento uma significativa mudança de perspectiva sobre suas origens.

É importante ressaltar, que Paraguai quase não é mencionado na obra de Marcos, todas as referências ao país foram deslocadas à cidade fronteira de Correntes, na Argentina, o que pode ser uma estratégia para superar a censura, já que o romance foi originalmente publicado em 1987, ainda durante a ditadura. O leitor paraguaio, porém, reconhece nessa Correntes ficcional toda a topografia do centro de Assunção, podendo inclusive fazer o percurso das personagens.

Embora a reconstrução da memória em *Azul-corvo* também não seja linear, a fragmentação em *O inverno de Gunter* é muito mais intensa e cheia de recortes e colagens, intensificando a reconstrução da memória. Se em *Azul-corvo* Evangelina reconstrói o passado através da memória de Fernando e das cartas que ele guarda na caixa de vinho, e também da recuperação da memória coletiva através da compilação de comentários da internet, em *O inverno de Gunter* há a mistura de textos de outros autores, colagem de fragmentos de fatos históricos, poemas. A ditadura é o presente da obra, mas também a consciência histórica está presente e a memória coletiva é acionada na menção de outros fatos históricos como a Guerra da Tríplice Aliança (Guerra do Paraguai) e a Guerra do Chaco, talvez como uma tentativa de explicar o caos vivido no presente. Assim, se por um lado o recurso narrativo de Lisboa é a o discurso memorialista, conforme verificamos em Weinhardt (op. cit.), por outro, *O inverno de Gunter* se caracteriza mais pela construção de um discurso polifônico em termos bakhtinianos, conforme podemos resumir a partir de Bezerra (2008, p.194): ‘o que caracteriza a polifonia é a posição do autor como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com auto-

nomia e revelem no homem um outro 'eu para si' infinito e inacabável' o que já foi analisado por vários autores (PEIRÓ BARCO, 2006; RÁFOLS, 2012; PEREIRA RODRIGUES, 2015). No entanto, ambos os romances desenvolvem a questão da multiplicidade e identidade gerada pelos deslocamentos e exílios do sujeito pós-moderno, o que parece fundamental para a relação entre literatura e história que se estabelecem nesses romances.

Além de Gunter, sua esposa Eliza, por sua vez, é uma mulata norte-americana filha de um irlandês com uma negra, e fascinada pela coincidência de seu nome, Eliza Alicia Lynch, com a da personagem histórica do Paraguai, que foi esposa do Marechal Francisco Antonio López, quem liderou o exército paraguaio durante a Guerra da Tríplice Aliança. Eliza sente muita curiosidade e encanto pelo Paraguai, e pela figura tão ambígua e polêmica da Eliza histórica, convertida em mito pelo imaginário popular paraguaio. Além disso, Eliza adota Espanha como sua segunda pátria através do seu envolvimento com sua tese de doutorado sobre Antonio Machado:

Ela havia adquirido o costume de pensar em Madri em seus momentos de limbo sartreano. Lembrava o outono, os velhos campanários, o horizonte em chamas de Moncloa, o outro dos álamos, os shoupos derramados, tal como os havia imaginado em seu quarto em Pittsburgh, estudando Antonio Machado. Tal como os havia desejado no avião da Ibéria (que era o mais barato). Em Madri percebeu por que a arte violeta de Machado tinha mudado tanto com a Guerra Civil, por que precisamente estes versos dourados fundiram o aço dos entardeceres da sua pensão em Argüelles, a Espanha dividida para sempre com um talho de morte (MARCOS, 2012, pp.36-37)

A visita de Soledad a seus tios nos Estados Unidos alguns anos antes da sua apreensão pelo regime militar, revela a situação do imigrante latino, através principalmente do personagem Atílio, do mesmo povoado de Gunter, mas que mantém

um restaurante grego nos Estados Unidos, de clientela majoritariamente dominicana. O que inicialmente parece inverossímil é explicado pelo próprio personagem, que se justifica dizendo que é impossível manter um restaurante crioulo. Através de Atilio a vida dos *chicanos*, mexicanos residentes nos EUA, é narrada, revelando outro universo de deslocamentos. O trânsito é algo contínuo no romance, sendo o espaço do aeroporto várias vezes utilizado, as personagens sempre estão entre um hemisfério e outro, entre um país e outro, e muitas de suas reflexões ou pensamentos se dão dentro do avião, durante o deslocamento, em um nãolugar entre um país e outro, como no caso de Toto Azuaga, que é argentino mas vive nos Estados Unidos e deve se deslocar para o sul para encontrar com Eliza:

Cada vez que tem de Oklahoma para o sul, trata de evitar essa longa escala em Atlanta. Como seria a cidade? Somente o faz lembrar de Scarlett O'Hara e do presidente Carter. Ambos eram simpáticos. A cidade também devia ser. Esteve tantas vezes nesse aeroporto enorme e nunca a visitou. Desta vez, com a neve e tantos voos atrasados, teve a sorte de conseguir lugar nesse avião. (MARCOS, 2012, p.25)

Toto tem filhas nascidas já no país que adotou, 'essas adolescentes que se negavam a compartilhar com o pai uma palavra em espanhol' (p.209). Uma das expressões significativas sobre o sentimento vivido durante o exílio é enunciada por ele:

Sempre pensei que Julio Iglesias não é um dos meus cantores preferidos. Sempre tão comercial, tão estudado, tão de família franquista. Hoje é Halloween, essa festa das bruxas tão típica do Texas. Minha esposa fantasiada com um lençol como se fosse a Indira, acompanhou as minhas filhas, fantasiadas de Drácula e Moranguinho, para pedir balas... trick or treat! Sozinho na casa, interrompido pela campainha de outras crianças fantasiadas, que me dizem trick or trick, sento

para ver TV (...) Iglesias canta em italiano a guarânia paraguaia *Recuerdos del Ipacarai*, em um estádio impressionante e noturno de Jerusalém (...) Iglesias diz a palavra guarani *kuñatai* para as moças de Jerusalém. E esses rostos riem em contato com a palavra guarani. Rostos loiros e morenos, de olhos negros e azuis, judeus de Israel, da Venezuela, da Espanha, dos Estados Unidos, de Misiones. E esses rostos unânimes sorriem (...) Sempre pensei que Julio Iglesias não era um dos meus cantores favoritos. Já não penso. (MARCOS, 2012, p.200)

Além dos trânsitos vividos pelas personagens que estão deslocadas de seus países natais, Soledad produz da prisão textos sobre o exílio e a ditadura, o que faz com que todos esses deslocamentos sejam resignificados para o contexto político vivido no momento de publicação da obra. Esses poemas de Soledad na verdade são poemas de Juan Manuel Marcos que são recuperados em prosa no romance, mas que originalmente foram em sua maioria escritos durante seu período de asilo político na Embaixada do México. Aqui citamos somente um desses poemas:

O homem não lembra qual foi o último abraço entre os seus, nem a cor do avião, nem os rostos exatos desse momento. Sabe que estão lá com as mãos abertas e esperando, o mesmo olhar daquele dia. A guimba, esquecida na areia cinza. Esses sapatos que já andaram tanto o levariam com longo passo à casa. Mas ele fica ali, tremulando na praça. Não escolheu nem esse inverno nem nada: nem a casa, nem essa cidade, nem o vento. Depois de tudo – pensa- não há distância maior nem mais triste que a que não podemos medir, quando entardece (MARCOS, 2012, p.40)

O exílio é colocado em tensão ao serem narradas as seções de interrogatório de tortura de Soledad, mas também é considerado fora desse âmbito político, no contexto de busca de uma identidade em um contexto de contato, como no frag-

mento citado de Toto, no qual um cantor que antes ele não gostava acaba sendo um elemento de identificação cultural importante. Entre tensões e identificações, vividas por Gunter e sua esposa, eles terminam se sentindo pertencentes à realidade paraguaia e decidem ficar definitivamente no país sul-americano: 'Esta manhã renunciei a ela [a instituição, Banco Mundial] para me reintegrar ao Paraguai, para ver no que eu posso ser útil por lá (...) agora eu volto ao Paraguai, porque é minha pátria' (p.240).

DESLOCAMENTOS QUE SE ENCONTRAM: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de usar recursos narrativos diferentes, já que Adriana Lisboa constrói um discurso memorialístico a través de uma personagem que narra em primeira pessoa se Juan Manuel Marcos constrói uma narrativa mais experimental e fragmentada que elenca diversos discursos da história e da memória coletiva, é possível aproximar os romances *Azul-corvo* e *O inverno de Gunter* a partir da experiência biográfica e ficcional do exílio. Estar em trânsito, ser estrangeiro, parece ser um fator determinante e constituinte de ambas as obras, que atualizam a discussão sobre o sujeito moderno, ou pós-moderno, segundo as correntes a partir das quais se queira analisar a situação do indivíduo e a multiplicidade de identidades possíveis nos tempos atuais. A distância temporal entre os dois romances acaba não dificultando essa aproximação, já que o romance paraguaio só foi publicado no Brasil na última década, e é lido contemporaneamente ao romance da brasileira que vive no exterior. O que se nota dessa distancia é a diferença em como é feita a ficcionalização dos fatos históricos. Enquanto o romance paraguaio pode ser considerado um romance político no qual a ditadura é o presente da narrativa e o presente da publicação e que por isso adquire um signifi-

cado de resistência, em *Azul-corvo* temos a reconstrução de um discurso a partir de uma geração que herdou essa memória da ditadura de seus pais, já não como forma de resistência mas de exercício de memória, luto e superação. Além disso, há muitos pontos em comum entre as personagens Evangelina e Soledad, que não exploramos mais atentamente mas que são dignos de nota. Embora sua relação com a história seja diferente, refletindo as características anteriormente mencionadas, uma vez que Evangelina é receptora da experiência de Fernando e Soledad é uma vítima da ditadura que sofre prisão e tortura, ambas vivem o deslocamento de país durante a adolescência e essa experiência resulta significativa para seu crescimento. Soledad adquire maior consciência sobre sua realidade, embora não tenha tempo de desenvolver mais essa identidade múltipla e fragmentada, ao que se soma sua dupla ou tripla personalidade (como prostituta e como jaguar celesste). Vanja, por sua vez, se descobre como indivíduo e amadurece para a vida adulta a partir dessa sua experiência de trânsito, motivada pela morte da mãe. As duas obras parecem refletir uma tendência e preocupação moderna que é a relativização do sujeito como possuidor de uma identidade única e a proposição de uma identidade múltipla e fragmentada, conforme menciona Stuart Hall (op.cit.). A problemática do latino-americano descobrindo o espaço norte-americano e se descobrindo nesse contato com o outro, o estrangeiro, está presente em ambas as obras, nas quais a identidade nacional é reelaborada a partir das experiências das personagens e seu contato com a história, o que pode também ser analisado como um deslocamento, temporal. Josele Coelho destaca essa questão ao analisar as mobilidades culturais em *O inverno de Gunter*, o que pode também ser considerado para a análise de *Azul-corvo*:

En esta perspectiva, afirma Canclini que 'América Latina no está completa en América Latina y su imagen le llega en

espejos diseminados en el archipiélago de las migraciones' (2002, p. 19).

Esa percepción en relación a la importancia que asumen las movilidades es fraguada por Ouellet (2005) que ratifica la posición de Canclini al considerar que el imaginario latinoamericano es marcado por intensos desplazamientos - transculturales, espaciales, subjetivos - que engendran una percepción del hombre señalada por una nueva configuración del espacio-tiempo donde las fronteras se diluyen en un movimiento que no se puede considerar solo como geocultural, sino ontológico y simbólico. (COELHO, 2012)

Assim, as obras analisadas, não só constituem um discurso que atualiza a memória coletiva ao apresentar a ficcionalização da história, mas também atualiza a própria questão da identidade moderna para além das identidades nacionais, o que também pode ser considerado uma herança construída historicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Paulo. 'Polifonia'. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 191-200.

COELHO, Maria Josele Bucco. 'Las movilidades culturales en la producción literaria paraguaya contemporánea: una lectura de *El invierno de Gunter*, de Juan Manuel Marcos'. Comunicação apresentada no XVII Congresso Brasileiro de Hispanistas. 3-7 de setembro de 2012. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2012. (no prelo).

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

FRANK, Giorgio. 'Novela y búsqueda: la modernidad como exilio'. In: *Pensamiento de los confines* n.17. Buenos Aires, dez. 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LISBOA, Adriana. *Azul-corvo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.
MARCOS, Juan Manuel. *O inverno de Gunter*. Tradução Daiane Pereira Rodrigues. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

PEIRÓ BARCO, José Vicente. *La narrativa paraguaya actual 1980-1995*. Assunção: UniNorte, 2006. PERRONE-MOYSES, Leyla. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RÁFOLS, Irina. “Rasgos del postboom en la novela *El invierno*

de Gunter de Juan Manuel Marcos”. In: MARCOS, Juan Manuel. *El invierno de Gunter*. 3ed. Assunção: Criterio ediciones, 2012. p.315-345.

RODRIGUES, Daiane Pereira. *Análisis dialógico de El invierno de Gunter de Juan Manuel Marcos*. Assunção: Universidad del Norte, 2014.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WEINHARDT, Marilene. “Filhos da geração de 1960/1970: herdeiros da memória”. In: _____. (org). *Ficções contemporâneas: história e memória*. Ponta Grossa: UEPG, 2015.



1. A epígrafe do romance é ‘Somos todos estrangeiros/ nesta cidade/ neste corpo que acorda’ de Heitor Ferraz.